

# PUCviva

Jornal semanal da APROPUC e da AEA

## REVOLUÇÃO RUSSA

# 90 ANOS

Prosseguem nesta semana as comemorações dos 90 anos de Revolução Russa na PUC-SP. Nos próximos dias sai do forno a edição nº 31 da *Revista PUCviva*, inteiramente dedicada à Revolução Soviética. O lançamento oficial acontece na próxima segunda-feira, 29/10, du-

rante a primeira palestra do ciclo *Teoria e Prática: 140 anos d'O Capital – 90 anos de revolução Russa* (veja programação completa nesta edição). Neste número também apresentamos a cobertura da Semana de História, que teve como tema a Revolução Russa.

### Assembléia dos Professores

**24/10**  
quarta-feira

- ✓ Informes: Gratuidades
- ✓ Alteração do Estatuto da APROPUC
- ✓ Reajustes Salariais não pagos

**18 h - sede da APROPUC**

## O Brasil de hoje é fruto do golpe de 1964

O golpe militar de 1964 impôs não apenas 21 anos de ditadura, mas também o ambiente político e cultural que possibilitou – no período da “redemocratização” – ao neoliberalismo aportar com tudo no território brasileiro, estimulado pelas elites empresariais, saudado pelas classes médias e engolido pelos trabalhadores sem maiores resistências.

Em plena Guerra Fria, com o imperialismo norte-americano jogando pesado contra os blocos socialista e terceiro-mundista, o golpe interrompeu o processo de reformas de base articulado por lideranças trabalhistas com o governo João Goulart. As reformas faziam sentido no bojo do desenvolvimento industrial das décadas de 40 e 50, e representavam a justa cobrança dos trabalhadores no acerto de contas com o capital, especialmente para virar a página do atraso oligárquico.

Com o golpe, a experiência educacional transformadora foi duramente reprimida e todo o sistema passou a ser controlado de cima para baixo, com rígida vigilância. Tanto é que inúmeros professores e projetos educacionais foram banidos. Ao mesmo tempo, acelerou-se o processo de privatização do ensino superior. Foram criadas as “fundações sem fins lucrativos”, que enriqueceram tanta gente. As fábricas de diplomas ganharam *status* de faculdades e universidades. O sistema criado na ditadura permanece intacto. Não apenas vigora até hoje, como é um dos pilares de formação e sustentação intelectual do neoliberalismo.

O projeto de reforma agrária de Celso Furtado, que o governo João Goulart ensaiava colocar em prática, previa a desapropriação de todas as terras ao longo das rodovias e ferrovias, de forma que se pudessem assentar rapidamente todas as famílias que quisessem trabalhar na terra. O golpe de 1964 abortou a reforma agrária e até hoje o Brasil não conseguiu resolver a secular questão, nem criar um modelo para o desenvolvimento da agricultura familiar, a produção de alimentos e a proteção ambiental. Ao contrário, o Brasil agora convive com o latifúndio improdutivo e com o latifúndio do agronegócio – a concentração da terra voltada para a exportação (soja, eucalipto, cana e pecuária), altamente destruidora das reservas florestais, dos recursos hídricos e do meio ambiente.

Nem bem o Brasil saiu da ditadura militar, em 1985, e as elites brasileiras já estavam salivando para privatizar o patrimônio público acumulado nos anos de centralização e estatização, quando os gestores do regime endividaram o País e o povo brasileiro com inúmeros projetos faraônicos. A ditadura acelerou a destruição da Amazônia com a rodovia Transamazônica e os projetos fracassados de colonização; a ditadura acelerou a destruição dos recursos hídricos com os projetos de grandes hidrelétricas; a ditadura acelerou a destruição cultural do Brasil com os seus projetos autoritários de educação e comunicações. O apoio da ditadura à TV Globo e às demais redes de televisão foi decisivo para “formar” gerações alienadas com a cabeça no consumo e no circo. O sistema de controle da informação e da cultura montado pela ditadura continua intacto até hoje – sob o domínio de alguns grupos empresariais e coronéis eletrônicos espalhados no território nacional.

Nem bem o país saiu da ditadura e ingressou no neoliberalismo, as elites brasileiras avançaram sobre os direitos dos trabalhadores, retiraram conquistas de décadas, investiram pesado nas “flexibilizações” e “desregulamentações” da legislação trabalhista e social, passaram a arrochar sistematicamente os salários, colocaram milhões na informalidade e multiplicaram várias vezes o exército de reserva – também chamado de desemprego estrutural. Isso só foi possível porque a sociedade brasileira, moldada pelos 21 anos de ditadura, apagou da memória e da história oficial as lutas feitas e as reformas sonhadas antes de 1964. Depois do último embate, nas eleições de 1989, quando as forças democráticas e populares foram derrotadas – em “eleições livres” – pelo neo-coronelismo apoiado pela velha imprensa empresarial e pelo aparato televisivo construído pelo regime militar, a resistência democrática e popular entrou em declínio; importantes setores da esquerda se renderam ou foram cooptados pelo modelo político-econômico; as propostas transformadoras e socializantes desapareceram dos sindicatos e das universidades. É nesse quadro que o movimento social ainda tenta se reerguer – com muita dificuldade.

Basta lembrar que toda a imprensa brasileira – com exceção do jornal *Última Hora* – apoiou o golpe militar de 1964, na defesa dos interesses dos fazendeiros, do capital industrial nacional e do capital estrangeiro. Da mesma forma, hoje, a grande maioria da imprensa brasileira defende ardentemente os postulados do neoliberalismo, apóia a entrada desenfreada do capital estrangeiro, o sistema financeiro concentrado em grandes bancos e a concentração da terra para o agronegócio. Os motivos de fundo para o golpe de 1964 constituem ainda hoje o programa em vigor das elites dominantes. Isso significa que o golpe de 1964 pode ser considerado completamente vitorioso, pois interrompeu de forma duradoura – há 43 anos – o que estava sendo ensaiado de transformações em favor das classes trabalhadoras. Desde então os trabalhadores não viveram mais nenhum processo de reformas que pudesse mudar as estruturas do país. O Brasil é hoje mais capitalista do que já foi em toda a sua história. Com todos os problemas que esse sistema produz.

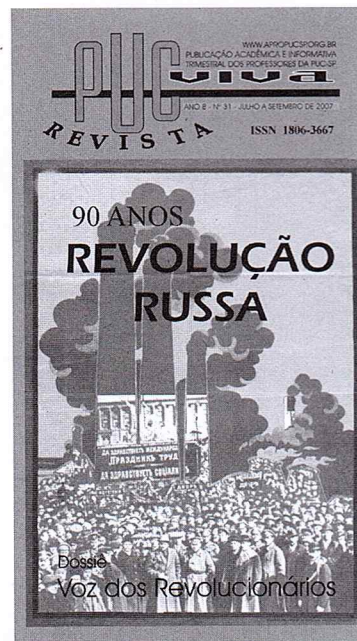
*Hamilton Octavio de Souza,  
Diretor da Apropuc.*

## APROPUC lança revista sobre os 90 anos da Revolução Russa

Em comemoração aos 90 anos da Revolução Russa, a APROPUC lança neste mês um número especial da *Revista PUCviva* que trata somente desse marco da história mundial. Constituída de textos de Lênin e Trotski, a publicação busca resgatar a importância dos acontecimentos de 1917, bem como trazer um novo fôlego para a luta contra as mazelas do capitalismo na sociedade contemporânea.

No próprio editorial da revista isso fica claro, quando o professor Erson Martins de Oliveira afirma: “Os 90 anos da Revolução Russa devem ser vistos por essa trajetória e pela perspectiva que o capitalismo oferece às massas. O programa e os fundamentos da revolução de outubro de 1917 mantêm-se intactos e atuais. O capitalismo se mostra cada vez mais violento contra a vida dos trabalhadores e potencializa suas tendências bélicas”.

Ao selecionar os textos que seriam publicados, a equipe editorial buscou focar-se nos momentos cruciais da revolução, entre



fevereiro e outubro de 1917, bem como nos momentos que se sucederam à morte de Lênin, utilizando-se de artigos de Trotski para mostrar o revisionismo do bolchevismo praticado por Stalin. A importância da publicação reside no fato da atualidade de preceitos defendidos pela Revolução que ainda hoje se mostram atuais.

### TEORIA E PRÁTICA: 140 ANOS D'O CAPITAL – 90 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

**29/10** – *A receptividade do pensamento de Marx na classe trabalhadora*, com Erson Martins, Paulo Barsotti e Vito Letizia. Às 19h, no Museu da Cultura.

**30/10** – *A revolução contra o Capital*, com Lúcio Flávio de Almeida, Marcos Del Roio e Valério Arcary. Às 19h, no Museu da Cultura.

**31/10** – *Dinheiro, dominância financeira e o imperialismo*, com João Machado, Jorge Alano Garagorry, Pedro Arruda e Rosa Marques. Às 19h, no Museu da Cultura.

**PUCviva** Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

**PUCviva:** 3670-8004 - **Correio**

**Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br)

**www.apropucsp.org.br**

**As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.**

**Editor:** Valdir Mengardo

**Sub-editor:** Leandro Divera

**Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Filippo Cecilio

**Fotografia:** Fábio Nassif e Julia Chequer

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

# Pensadores debatem a atualidade da Revolução Russa

A Semana de História, organizada pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais, abriu as celebrações dos 90 anos da Revolução Socialista ocorrida na Rússia em 1917. De 15 a 19/10, mostras de filmes, exposições e debates abordaram questões fundamentais para compreender a força do processo que levou os trabalhadores ao poder em plena ditadura Czarista.

Entraram na pauta aspectos muitas vezes ignorados, como o papel da arte enquanto instrumento de sensibilização e politização. Ou que simplesmente desaparecem da história do evento, como o destaque da mulher, simbolizado pelas operárias que tiveram participação ativa em ações que desencadearam a Revolução e por dirigentes feministas como Alexandra Kollontai, hoje quase desconhecidas.

Mas a Semana de História não tratou apenas da memória. A discussão sobre a atualidade de uma alternativa socialista para o mundo em decomposição também se destacou. Exemplo disso ocorreu no debate de 17/10, *Revolução Russa: memória e atualidade*, que reuniu Michel Löwy, da Universidade de Paris, Ricardo Antunes, da Unicamp, e Christian Castillo, da Universidade de Buenos Aires.



Acima, da esquerda para a direita, Christian Castillo, Edison Salles, Michel Löwy e Ricardo Antunes. Ao lado a platéia que lotou o Tucarena

## “O capitalismo não é imortal”

Michel Löwy abriu o debate lembrando as primeiras palavras de Lênin ao chegar a Petrogrado. A famosa frase “Todo o poder aos soviets. Viva a Revolução Socialista!”, chocou muitos dos envolvidos no processo revolucionário, que viam tal idéia como uma traição ao materialismo histórico. Segundo Löwy, pensava-se ser inconcebível a construção do socialismo num país que ainda não havia passado pela democracia, ou pelo parlamentarismo. “O capitalismo não é imortal e a revolução dos trabalhadores é completamente possível”, assinalou. Löwy vê, principalmente na América Latina, o socialismo colocado na ordem do dia, o que não signifi-

ca que as futuras revoluções seguirão os caminhos traçados em 1917. “As revoluções não se repetem. Cada uma tem seu modelo”, completou.

Christian Castillo discorreu sobre a importância da celebração da data, pontuando as estratégias que levaram ao acontecimento e aspectos necessários para o levante de uma nova revolução. “Homenagear os 90 anos da Revolução Russa é repor em seu lugar a atuação dos bolcheviques”, observou.

Já Ricardo Antunes ponderou sobre o que levou a Revolução ao fracasso, exatamente porque observa a mesma perspectiva de construção de um mundo socialista colocada por Löwy e, assim, faz-se necessário pensar nos seus acertos e erros. “A revolução restrita a um só país está fadada ao fracasso”, colocou Antunes.

# Um dia de protesto contra os desmandos do governo

Dando continuidade ao calendário de lutas e mobilizações populares decidido de forma conjunta por diversas organizações, partidos e movimentos sociais em 25 de março deste ano, será realizada no próximo dia 24/10 uma marcha a Brasília.

O objetivo da ação é manifestar o repúdio de grande parte da população a toda corrupção que se espalha pelo Congresso e às reformas neoliberais que vêm sendo empreendidas pelo governo Lula, como as reformas previdenciária e universitária.

Na organização da marcha estão a Conlutas, Intersindical, Pastoris Sociais, Grito dos Excluídos, MLST, MTL, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), PSOL, PSTU, PCB e centenas de sindicatos e outros movimentos populares e estudantis de todo país.

A marcha representa o ápice de todo o calendário de lutas elaborado. Ao longo do ano, diversas atividades programadas naquele 25 de março ocorreram, como o Grito dos Excluídos e o plebiscito sobre a anulação do leilão de venda da Vale do Rio Doce. Os manifestantes também cobrarão respostas sobre os ataques aos direitos sociais e trabalhistas, um aumento da superexploração do trabalho e da precarização do emprego, amparados em um crescente processo de repressão e criminalização dos movimentos sociais.

## SAÚDE

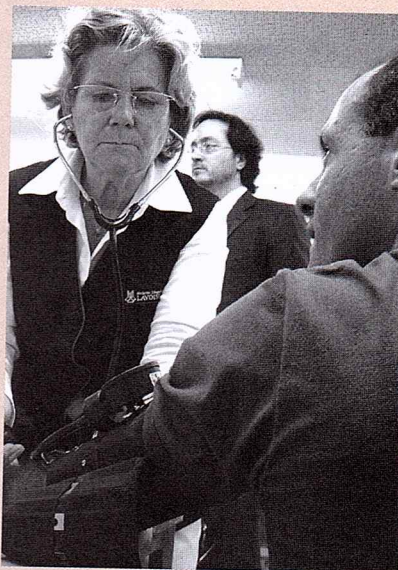
### PUC-SP prepara combate à dengue

O combate à dengue neste verão deverá ser reforçado, uma vez que os casos de manifestação da doença em todo o país vêm crescendo. Aqui na PUC-SP, em setembro foi criado o *Grupo de Trabalho Dengue*, com o objetivo de conscientizar e sensibilizar a comunidade para as formas de prevenção e combate à doença.

O GT já divulgou um comunicado do Serviço Médico sobre a doença. Reuniões de orientação com todos os funcionários da limpeza foram realizadas. Também foi divulgado informativo no site da PUC-SP e realizada uma reunião no Conseg, formado por representantes do bairro, com o intuito de envolver a vizinhança.

Fazem parte do *GT Dengue* o Serviço Médico, Serviço Social da DRH, PAC, SESMT, Cipa e a Paulista, empresa responsável

pelos serviços de limpeza. Um dos próximos passos será a realização de inspeções em toda a área da universidade.



Entre os dias 4 e 10/10, aconteceu na PUC-SP a Semana da Saúde. Na foto, a funcionária do Laboratório Lavoisier efetua medição de pressão arterial

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO

### Assembléia geral ordinária

A Associação dos Professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - APROPUC, pelo presente Edital, convoca os professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, associados à APROPUC, para reunirem-se em **Assembléia Geral Ordinária**, no dia 24 de outubro de 2007, quarta-feira, às 18:00 horas, em primeira convocação, na sede da APROPUC (Rua Bartira, 407, Perdizes, São Paulo), a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia:

1. Informes:

- aplicação do Acordo Interno de Trabalho - Gratuidade

2. Alteração do Estatuto da APROPUC;

3. Reajustes salariais não pagos: valores correspondentes a 2004 e 2005.

Não havendo, na hora acima indicada, número legal de presentes, a Assembléia será realizada meia hora após (18:30 horas), no mesmo dia e local, em segunda convocação com qualquer número de associados presentes.

*Priscilla Cornalbas*  
Presidente da APROPUC

# Palestra mostra relevância do trabalho de Joseph Ki-Zerbo

Do fundo do teatro ecoa o som dos tambores africanos. Dois músicos se dirigem ao palco tocando músicas do continente negro. Juntam-se a outros dois, previamente posicionados atrás das cortinas, com seus corpos pintados como se fossem integrantes de uma nação africana. De repente, surge ela. Dançando de uma maneira frenética e avassaladora, a bailarina reproduz passos tribais e atrai todos os olhos para seus movimentos. Logo chegam mais três, e a seqüência de passos extasia a todos na platéia do TUCA. Assim se iniciou o *Colóquio História e historiadores da África: uma homenagem a Joseph Ki-Zerbo*, em 15/10.

Após a apresentação do grupo musical, ocorreu a abertura oficial do evento, em que representantes das entidades organizadoras ressaltaram a importância de um encontro como aquele, que pretende modificar e desmistificar a visão que habitualmente se tem do continente africano. Maria Antonietta Antonacci,

do Cecafo/PUC-SP, ressaltou que quando o evento estava sendo preparado, seus organizadores “em momento algum pensaram em tolerância, mas sim contribuições contínuas entre povos e culturas”.

Uma alteração de última hora ocorreu por conta de um imprevisto. O palestrante da noite, professor Elikia M'Bokolo, não pode comparecer por motivo de saúde. Em seu lugar foi convidado o professor Boubacar Barry, da Universidade Cheik Anta Diop, do Senegal. De acordo com o professor Kabengele Munanga, diretor do Centro de Estudos Africanos da USP e coordenador da mesa, o professor Barry é “um dos melhores historiadores africanos de sua geração”.

## Sujeitos da própria história

Boubacar Barry iniciou sua fala

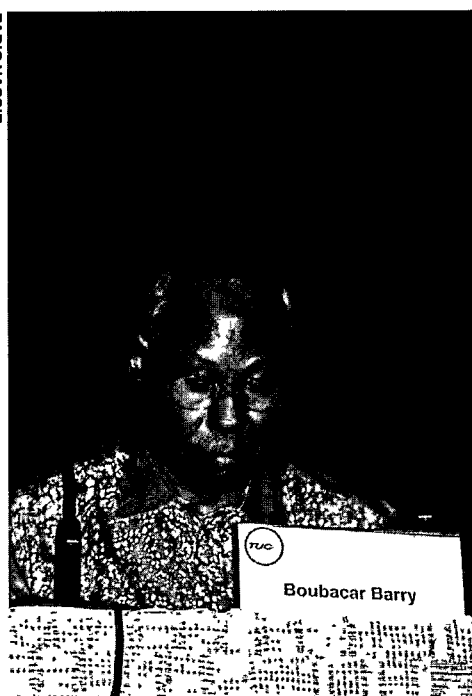
revelando sua proximidade com Joseph Ki-Zerbo, que fora seu professor no colégio. Lembrando os laços sólidos que historicamente unem as duas margens do Atlântico, afirmou “o trabalho de Ki-Zerbo contribuiu de maneira infinita para formar a consciência que galvanizou a luta pela emancipação africana”.

Ao longo de sua explanação, o professor comentou a relevância da obra de Joseph Ki-Zerbo, que “voltou ao passado para escrever a história e os desafios da África Negra”. Lembrou ainda que seu trabalho em defesa da história africana não pode ser separado de sua luta pela emancipação dos povos.

Barry ressaltou que a história africana é necessária para a compreensão da história universal. Esta, segundo ele, “possui enigmas opacos que só serão solucionados quando o continente africano for iluminado”. O palestrante lamentou ainda o fato de a África ter sua imagem vinculada à miséria, barbárie, irresponsabilidade e caos, e de muitas pessoas buscarem justificar o presente e o futuro do continente através do passado. “Os intelectuais estão mergulhados numa sociedade imersa numa globalização possessiva”, afirmou.

O professor senegalês concluiu apontando para a necessidade de uma liderança africana que consiga vencer as fragmentações de consciência histórica, do espaço geográfico e do saber, que atualmente dividem o continente. O professor Kabengele Munanga completou, afirmando que o trabalho de Ki-Zerbo foi fundamental para “descolonizar a história da África, e colocar o africano não mais como objeto, mas como sujeito de seu discurso e sua história”.

FABIO NASSIF



O professor senegalês Boubacar Barry discutiu a história africana. À direita a professora Maria Antonietta Antonacci, uma das organizadoras do evento

# Rola na rampa

## Exposição aborda luta pela emancipação feminina

Ocorre no Museu da Cultura da PUC-SP, de 22 a 26/10, a exposição *Entre a Representação e a Realidade: As Mulheres Nos Anos Dourados*. A iniciativa conta com o apoio do núcleo Thesis de Estudo da Cultura, Memória e Mídia, da Livraria Domínio Público e do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. O objetivo da exposição é refletir sobre a imagem da mulher durante o período conhecido como "Anos Dourados", buscando entender como as mídias da época construíram uma dupla imagem da figura feminina. Foram os movimentos femininos da década de 1950 que questionaram a posição das mulheres na sociedade, subjugadas pelos homens, e promoveram o início da libertação feminina, procurando produzir sua própria identidade.

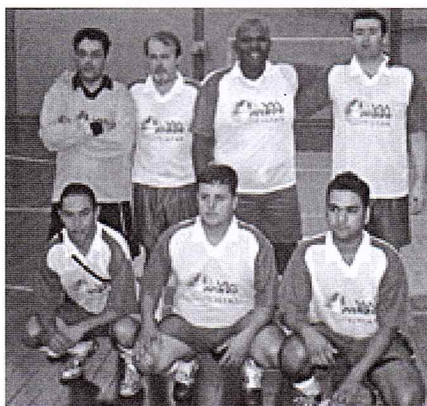
## APROPUC contra o aquecimento global

Será lançado no dia 7/11 o nº 29 da Revista da APROPUC. Trata-se de uma edição voltada para a problemática ambiental, com textos, artigos e ensaios de professores

analizando a questão. O lançamento ocorrerá em dois períodos, das 8h30 às 12h e das 19h às 22h30, em sala a ser confirmada pela organização do evento.

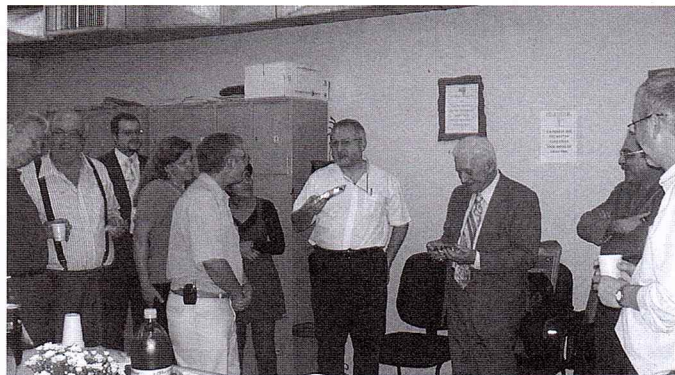
## Sorocaba realiza torneio de Futsal

No dia 29/09 realizou-se em Sorocaba o 5º Torneio de Futsal organizado pela AFAPUC e pelo SESI Votorantim. A equipe da Farmácia/Via Cores Tintas do Hospital Santa Lucinda



(foto) sagrou-se campeã. Após o torneio, houve uma confraterni-

zação com muito churrasco e samba nas dependências do SESI.



## Festa no dia dos professores

O Departamento de Administração realizou em 10/10 uma festa de comemoração ao Dia dos Professores (foto acima),

com a presença de José Natale, professor do curso de Administração da PUC-SP entre 1964 a 2005.

## Como recuperar as perdas dos planos Collor e Verão

Quem tinha dinheiro aplicado na poupança ou Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, nos anos de 1988/89/90 e 91 não teve os seus rendimentos atualizados corretamente, uma vez que os índices aplicados naquele período foram "expurgados" pelos governos Collor e Sarney. A diferença ocorreu porque os bancos, apoiados numa resolução inconstitucional do Banco Central, utilizaram como índice de correção dos ativos financeiros a Letras do Banco Central (LBC), quando deveriam ter aplicado o Índice de

Preços ao Consumidor (IPC). Dessa maneira, calcula-se que 70 milhões de pessoas foram prejudicadas. O primeiro passo para o ingresso de uma ação de revisão é requerer imediatamente junto aos bancos onde se encontravam depositados o FGTS e a poupança os extratos que comprovam os valores depositados naqueles meses. Maiores informações podem ser obtidas no Departamento Jurídico da APROPUC, que atende toda segunda-feira, das 16h15 às 18h30, mediante agendamento prévio.

## Plantões da AFAPUC

Em virtude das férias de seu secretário, a AFAPUC continuará nesta semana a funcionar com plantões diários das 15 às 17h. Qualquer emergência, ligar para um dos diretores nos ramais 8674 (Denis), 8144 (Gabriel e Mônica) ou 8379 (Nalcir).